

A CORPOREIDADE E AS REPERCUSSÕES NA PRÁTICA DOCENTE

Jaqueline Fonseca Rodrigues

Centro Universitário Projeção

jaqueline.rodrigues@projecao.br

Cristina Serafim Silva

Faculdade Fortium

oficialcristina@hotmail.com

Resumo: O corpo é um instrumento de contato social e constituinte da subjetividade. É um elemento importante na relação do indivíduo com o outro, com o mundo e com o conhecimento. O presente artigo tem por objetivo abordar a representatividade do corpo e o seu lugar no trabalho docente em uma dimensão humana, cultural e pedagógica tanto no tempo como no espaço. A teorização desse estudo foi embasada na concepção de Freud que traz um recorte sobre a abordagem do corpo na psicanálise e na concepção Walloniana que entende e enxerga o corpo como um processo de humanização dos sujeitos. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, devido o nível de subjetividade e complexidade que envolve o tema. O instrumento aplicado foi a entrevista semiestruturada, a seis professores de duas instituições de Ensino Superior do Distrito Federal, sendo uma pública e outra privada. Por meio desse trabalho foi possível identificar que o corpo é instrumento de identidade pessoal e profissional, o qual produz vários significados visíveis e invisíveis. Elementos esses, imprescindíveis no processo de formação do indivíduo. Considera-se que a consciência da representatividade corporal pode ser uma ferramenta no fazer docente, uma vez que instrumentaliza o professor para lidar com os desafios de sala de aula, porém a formação de professores nem sempre contempla as dimensões corporais no ambiente educativo, deixando uma possível lacuna na capacitação docente.

Palavras-chave: Percepção corporal, Trabalho docente, Relação professor-aluno.

Introdução (justificativa implícita, e, objetivos),

O corpo comunica, carrega marcas e traz a história pessoal e cultural de cada indivíduo. Por meio do corpo pode-se produzir linguagens e apropriar-se de valores e costumes culturais de uma sociedade. Afinal, o corpo é instrumento da expressividade humana, em diferentes espaços sociais (CRESPO, 1999).

Além de ser uma realidade biológica, o corpo é investido de uma capacidade que repercute nas relações humanas e no campo educativo, além de viabilizar a compreensão dos sentidos estabelecidos ao longo do tempo e do espaço.

Esse trabalho teve por objetivo abordar a representatividade do corpo e seu lugar no trabalho docente, privilegiando não só a dimensão humana, mas também, a cultural e a pedagógica. A fundamentação teórica foi construída baseada nas concepções de Wallon (2008) sobre o corpo, e também, de Freud sobre a abordagem do corpo na psicanálise.

Na perspectiva psicológica, a concepção de Wallon (1975) permite compreender o corpo como instrumento e veículo de humanização e lugar de interação com o mundo e com o outro. As contribuições da psicanálise apresentam o corpo como um instrumento erótico e atravessado pela sexualidade, pela linguagem e pela cultura. Ao ouvir suas pacientes histéricas, Freud (1976) chamou a atenção para os conflitos inconscientes que remetem a um desejo de ordem sexual inconsciente. Nessa concepção freudiana, o corpo representa um lugar de inscrição psíquica e somática. Visando contribuir com essas discussões, este trabalho pretende investigar as repercussões do exercício da docência sobre o corpo dos professores.

O corpo nas interações intersubjetivas

O século XX Freud realizou o estudo do corpo de pacientes histéricas e isso possibilitou uma melhor compreensão das relações entre corpo e psiquismo gerando uma teoria sobre o corpo erótico construído a partir da escuta de pacientes (FREUD, 1976, p. 65). Esta compreensão do corpo foi fundamental para a abordagem posterior da conversão histérica, na qual o corpo seria investido pelo indivíduo como palco dos conflitos inconscientes.

Para a psicanálise, o corpo não é apenas biológico moldado pelas linhas anatômicas, é também, atravessado pela linguagem e marcado pelas relações subjetivas. Enquanto o corpo biológico está regido pelos sistemas funcionais dos órgãos, o corpo psicanalítico está relacionado a algum desejo inconsciente que, de forma coerente, tenha relação com a história de vida do indivíduo.

Em *Estudos sobre a Histeria* Freud (1976) afirma que o corpo se revela para além de sua marca biológica, é também palco da encenação dos desejos inconscientes e, dessa forma, as manifestações psíquicas transbordam para o corpo. Ao abordar esse tema, Freud (1976) qualifica o corpo como uma materialidade subjacente ao psíquico, enunciado por um processo somático que brota a partir da pulsão que é a origem e motor do psiquismo. Complementando sua discussão sobre a sexualidade na constituição psíquica, o autor enfatiza também que as relações parentais são introdutoras da sexualidade na criança e construtoras do psíquico. É através das investidas do adulto no corpo da criança, seja pelos gestos de carinho ou mesmo pela violência que o adulto proporcionará à criança um modo particular de relação com seu corpo e a formação do Eu.

A proposta desse artigo e a discussão que se faz sobre o corpo, conduzem a abordar privilegiadamente as contribuições de Wallon (1989). Este autor foi de grande importância para uma melhor compreensão da corporeidade no processo educativo da criança, constituído na relação afetiva com o adulto. Em Wallon (1998) ao passar por estágios, o indivíduo se manifesta através da motricidade expressiva e isso acontece em meio a conflitos, contradições e interações com o meio. Considera-se o meio como um conjunto de circunstâncias nas quais se desenvolve a existência individual determinante na formação do ser humano. O meio é também o lugar onde acontecem as relações interpessoais que possibilitam ao indivíduo tomar consciência de si, do mundo a sua volta e dos valores que integram a sociedade em que vive.

O indivíduo constitui-se na interação do seu organismo com o meio, considerando também que suas atitudes são complementares frente às relações que ele estabelece no convívio social. A localização do indivíduo em relação ao seu lugar e seu papel no grupo onde está inserido são fatores importantes para o desenvolvimento do Eu e, para isso, o meio social e a cultura representam as possibilidades e limites para o desenvolvimento (WALLON, 1975).

Um exemplo da importância do meio pode ser visto quando a criança vai à escola, ela amplia seu universo relacional, pois deixa de ter a restrição do ambiente familiar e passa a interagir em diferentes grupos externos. Nesse momento, a criança tem a oportunidade de desenvolver aptidões sociais. O professor, nesse contexto, pode contribuir favorecendo a socialização ao incentivar a cooperação e a interação entre os alunos (PEDROZA, 1993).

Ao abordar o lugar do corpo na educação, Nóbrega (2008) afirma que o corpo tem assumido um lugar importante na educação ocidental pois durante muito tempo foi relacionado apenas à disciplina de Educação Física e na atualidade se tornou um tema relevante nas práticas educativas propostas nos currículos. Mesmo assim, ainda há muitos desafios a serem superados, principalmente na compreensão da corporeidade, como um princípio epistemológico capaz de contribuir com os processos cognitivos e afetivos, considerando que o corpo é marcado por uma história de vida relacional e intersubjetiva.

Nesse contexto, a pesquisa propõe uma cuidadosa discussão sobre o lugar do corpo na relação educativa, pois, tanto no exercício da docência e na assimilação dos conteúdos, quanto na relação professor-aluno, encontram-se expressões corporais significativas, que anunciam a dimensão cognitiva e afetiva que compõem e contribuem para a interação entre professor-aluno e para a aprendizagem que emerge do corpo, a partir da experiência vivida na relação com o mundo (NÓBREGA, 2005). Estão presentes nas concepções Wallonianas não somente

o corpo na educação, mas também as relações afetivas que se desenvolvem na sala de aula. Uma fusão entre o orgânico e o social também pode influenciar as relações e na dinâmica entre o professor e aluno no ambiente educativo, já que a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social

Ao refletir sobre a prática docente, pode-se afirmar que o educador ministra corporalmente sua aula, ou seja, o corpo do professor está presente e o mesmo pode-se apropriar da corporeidade para instrumentalizar sua ação pedagógica, pois o corpo é um veículo de comunicação e de expressão visível aos outros, não apenas ao próprio sujeito.

Os desejos e as inquietações tanto dos alunos quanto dos professores podem ser traduzidos em seus corpos através da postura, do olhar ou da qualidade dos gestos. O corpo inteiro se envolve no processo de ensino e aprendizagem, transmitindo e recebendo informações cognitivas e afetivas e identificando o sujeito como participante de certa cultura ou grupo social e com uma determinada disponibilidade afetiva. É importante para o professor desenvolver a comunicação na relação com os alunos objetivando meios e caminhos para contribuir com o aprendizado através de uma atividade corporal, considerando que o corpo é um veículo de comunicação do ser no mundo.

Diante disso, o debate em torno da formação de professores considerara os métodos e estratégias para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente, contudo, por se tratar de uma discussão fundamental para a educação, não se pode deixar de lado a importância dos elementos corporais e afetivos do processo ensino-aprendizagem. O corpo do professor traz o registro de uma história de vida que certamente marca a forma como se relaciona com seus alunos e com a disciplina que leciona.

Moyzés e Mota (2004) afirmam que a história de vida fica registrada no corpo, e esse registro pode marcar sua prática docente e, portanto, o professor deve estar atento à sua corporeidade e à forma como seu corpo reage nas mais diferentes situações relacionadas ao trabalho docente. Ao se abordar a relação professor-aluno, a afetividade, embora seja um fenômeno de natureza subjetiva, deve ser considerada, uma vez que revela como os acontecimentos repercutem intimamente para cada indivíduo. Os conhecimentos são primeiramente compartilhados entre o professor e o aluno, em um processo de interação para, posteriormente, serem “incorporados” por este último. É o corpo que imprime sentido aos processos cognitivos e afetivos que atravessam a relação do docente e discente com o

conteúdo, pois a cognição é parte de um processo que está ligado à experiência corporal e afetiva (LOPES, 2009).

O professor atua orientando e mediando o processo de ensino e aprendizagem, ele é um ouvinte daquilo que é dito em sala de aula, mas também, do que não é dito e que se evidencia corporalmente, seja pelos gestos, pela posição do corpo, pela respiração e até mesmo pelo silêncio. Para Moyzés e Mota (2004), é fundamental ao professor observar não só os registros do seu próprio corpo, mas também de seus alunos, procurando entender o que não é dito verbalmente. O processo histórico de cada indivíduo percorre a estrutura corporal manifestando-se nas expressões, nos gestos e na forma como se relaciona com seu corpo e com o corpo do outro. Além de alguns bloqueios ou a forma como o corpo responde aos investimentos. Esses podem ser percebidos e trabalhados a fim de que a qualidade das relações com seus alunos sejam gradativamente melhores.

O corpo é mobilizado pela subjetividade presente nas relações do docente com o mundo a sua volta, considera-se que a instituição de ensino é o meio principal onde essa relação se desenvolve. E nessas relações, pode-se observar que as experiências vivenciadas pelo professor passam pelo corpo, formando uma totalidade com emoções, sensações, ações, reações e inibições.

O professor é solicitado em sala de aula tanto no que diz respeito aos conhecimentos que possui, quanto corporalmente. Ao se expor por várias horas diante dos alunos, o docente muitas vezes fica submetido a conflitos, tensões e angústias que permeiam as relações com seus alunos, colegas de trabalho e a instituição onde leciona. O corpo do professor pode reagir de diferentes maneiras diante dessas situações, como por exemplo, apresentando quadros evoluídos de desestabilização somática, irritabilidade em sala de aula, problemas vocais e na postura corporal (PENTEADO, 1996). Na intervenção pedagógica, o professor necessita desenvolver diferentes formas de agir, dentre elas: limite, acolhimento, empatia, respeito e atenção em relação aos alunos e certamente muitas emoções são vivenciadas. Essas estratégias relacionais compõem as ações corporais do professor e certamente mobilizam docentes.

Em sua abordagem, Wallon (1971, p.91) apresenta o caráter contagioso das emoções. “A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, [...] possui sobre outro um grande poder de contágio”. O corpo do docente marca sua relação de comunicação com os alunos e, tanto um quanto o outro, possuem em seus corpos os registros dessa relação.

O corpo é sem dúvidas um grande colaborador no trabalho docente e merece atenção nas discussões cabendo à educação ocupar-se do corpo para instrumentalizar o processo de ensino e aprendizagem. À medida que o professor se conscientiza do seu corpo e reflete sobre seu potencial pedagógico, desenvolve maiores possibilidades em seu trabalho como, por exemplo, ao utilizar a motricidade. Ao movimentar o corpo com intenção, é possível contribuir para uma melhor comunicação com o aluno ou até mesmo promover um ambiente favorável para a aprendizagem através, por exemplo, de atividades lúdicas.

O professor é referência para o discente e o modo como ele se expressa corporalmente, dentro e fora de sala de aula. Visto que pode interferir na forma como os educandos participam no processo de aprendizagem. É importante o professor não apenas transmitir o conhecimento, mas permitir e estimular o aluno a não permanecer inerte e a participar do processo de ensino e aprendizagem.

Considerando que a construção do Eu está relacionada à relação com o outro, muitas vezes permeada pelo acolhimento e, em outros momentos, pela oposição (GALVÃO 2008), podemos dizer também que o papel do docente é marcado por um processo de construção no qual é essencial a interação com o outro que pode ser o aluno, os colegas de trabalho, a família do aluno, o gestor da instituição e assim por diante.

Um dos desafios dessa investigação é compreender como o corpo está presente na atuação do docente e identificar o lugar da corporeidade no processo de ensino e aprendizagem e nas relações que permeiam esses processos. Uma maior compreensão dessa temática também poderá contribuir com um “fazer pedagógico” mais consciente, possibilitando ferramentas eficientes para atuação do docente.

Metodologia

Para essa pesquisa foram selecionados aleatoriamente e entrevistados seis (6) professores de duas instituições de Ensino Superior do Distrito Federal, sendo uma pública e outra privada. A primeira está situada no Plano Piloto e a segunda em Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal. Em cada instituição foram entrevistados três (3) professores, sendo dois (2) docentes de cada curso. Os participantes do estudo são professores do Ensino Superior dos cursos de Pedagogia, Matemática e Sociologia, sendo quatro (4) do sexo feminino e dois (2) do sexo masculino, com idades entre 35 e 45 anos. O tempo de magistério dos professores varia entre 3 e 15 anos. O instrumento utilizado na pesquisa foi a

entrevista semiestruturada. O roteiro de entrevista desse estudo foi previamente elaborado com dezenove (19) questões voltadas a identificar, a partir da fala, como o professor investe corporalmente em sua prática docente.

No primeiro momento da análise, as falas dos entrevistados foram transcritas pelas pesquisadoras tais como foram ditas, conservando, inclusive, eventuais erros. A análise dos dados teve por base a análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), consubstancia-se em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, buscando compreender o que está “por trás” das palavras, uma busca de outras realidades através das mensagens.

Resultados e discussão

Os resultados obtidos por meio das entrevistas foram discutidos a partir das seguintes categorias: impacto do trabalho docente sobre o corpo do professor, impacto psíquico do trabalho docente sobre o corpo do professor, percepção do corpo do aluno, o corpo no processo de escolarização dos professores e percepção dos professores em relação ao seu próprio corpo na atividade docente.

Impacto do trabalho docente sobre o corpo do professor, foi verificada a ressonância como, por exemplo, problemas na coluna e no sistema vascular, síndrome do movimento repetitivo, fadiga por ficarem muitas horas em pé, além dos desgastes na voz e os problemas de sinusite e faringite. O corpo do professor estampa o prazer e o sofrimento gerados pelo exercício da docência. A satisfação, o cansaço, a tensão e o contentamento fazem parte desse enredo. A partir das entrevistas dos professores, foi possível identificar a forma como o corpo sofre o impacto do trabalho docente, verificou-se que os professores percebem em seus corpos esse impacto seja ou não prazeroso. Os professores afirmaram perceber diferenças em seus corpos entre o início e o final da aula, relacionando isso ao estado de tensão e relaxamento.

As exigências do trabalho docente como habilidades intelectuais e físicas, atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula requer do professor uma boa condição cognitiva, física e psíquica foram relatadas como situações que geram sofrimento. Vale ressaltar que a jornada do docente não se encerra quando a aula termina, os alunos recorrem ao professor mesmo depois das aulas buscando orientações para a realização de atividades e o trabalho se estende extraclasse

Com relação ao impacto psíquico do trabalho docente sobre o corpo do professor. A sala de aula é um ambiente onde se vivenciam diferentes situações que exigem do professor

uma capacidade de variações orgânicas e psíquicas adequadas para enfrentar esses desafios. As falas dos professores demonstraram o impacto psíquico do trabalho docente sobre o corpo do professor. Os quatro docentes entrevistados dos cursos de Pedagogia e Sociologia demonstraram uma maior sensibilidade às questões relacionadas à afetividade e como seus corpos são mobilizados pelos acontecimentos em sala de aula. As sensações de prazer e desprazer, agradáveis e desagradáveis, estão também relacionadas às interações que acontecem no ambiente escolar. Discussões com os alunos ou com os colegas de trabalho, os problemas com indisciplina, dentre outros, geram desgastes que sobrecarregam o professor tanto psiquicamente como corporalmente e, por vezes, podem comprometer o seu trabalho.

A estabilidade nas reações corporais do professor não está relacionada apenas ao seu bom desempenho durante a aula, mas também a uma série de interações provenientes das relações com o outro, com ambiente, com a saúde e com psíquico.

A percepção do corpo do aluno pelo professor também foi relatada nas entrevistas. O espaço da sala de aula favorece um processo de interação face a face entre professor-aluno e nessa relação o corpo se torna imprescindível e pleno de significado, favorecendo a dialética do corpo com o mundo à sua volta. Saber observar o corpo do outro é uma tarefa que exige sensibilidade e disciplina e, no contexto de sala de aula, perceber o corpo do aluno que se esconde ou até mesmo que desejaria aparecer, mas não sabe como, o corpo cansado, com sono ou que sofre violência, exige do professor essa capacidade de observar e fazer leitura do que não é dito verbalmente.

É necessário observar os gestos, o silêncio, as coisas não ditas, os olhares distantes, tristonhos ou mesmo alegres, felizes e cheios de vitalidade dos seus alunos é um aspecto importante da atividade docente e, também está relacionada à dimensão afetiva exigindo do docente um olhar sensível. As professoras, tanto da instituição pública como da privada, afirmaram perceber com maior sensibilidade o corpo de seus alunos às dificuldades, alegrias, ansiedade e até mesmo medo. Os docentes do sexo masculino reconheceram certa dificuldade para observar emoções ou qualquer outra forma de manifestação no corpo dos seus alunos.

Os 6 professores entrevistados reconheceram as lacunas em seus processos de escolarização no que diz respeito à corporeidade e por isso, muitas vezes sentem dificuldades para lidar com as questões corporais na ação docente. Cada ser humano traz no corpo marcas do seu próprio processo de construção de identidade, da cultura, das relações familiares e no

ambiente escolar. Antes de ser professor, ele foi aluno e recebeu influências de diversos espaços e atores que fizeram parte de seu processo de escolarização.

Percepção dos professores em relação ao seu próprio corpo no trabalho docente.

Sobre a percepção dos professores em relação ao seu próprio corpo no trabalho docente, os professores percebem as alterações corporais antes e depois das aulas, essas modificações são causadas por diferentes estímulos como: uma noite mal dormida, problemas emocionais, desenvolvimento de boas estratégias, alcance de metas e a identificação com a disciplina que leciona. Se identificar com o trabalho que exerce facilita o planejamento e assim possibilita ao docente iniciar a aula com maior tranquilidade e menos tensão corporal.

À medida que se percebe o próprio corpo é possível perceber o corpo do outro. O cansaço mental e físico dificulta a percepção de qualquer manifestação corporal, tanto para os professores quanto para alunos. O corpo expressa entusiasmo, alegria, prazer, desânimo, cansaço e tudo isso pode ser agente de mudança do ambiente de sala de aula. Os professores entrevistados consideram que seus corpos expressam suas intenções e dificuldades. Os relatos dos docentes evidenciaram claramente as mudanças na concepção do corpo ao longo dos últimos séculos, principalmente na educação. O corpo em sala de aula é considerado pelos entrevistados como um importante fator de identidade e de comunicação e estão abertos para a valorização do movimento corporal em sala de aula, o que nos séculos passados não seria permitido.

Perceber o próprio corpo em sala de aula, reações, expressões faciais, posturas, gestos e estar atento à forma de se vestir são questões consideradas pelos professores como significativas no trabalho docente, uma vez que, a forma como o corpo do professor se posiciona em sala expressa suas intenções, considerando que o corpo é repleto de significados.

Conclusões

A relação corporal em sala de aula, a interação professor-aluno e a afetividade são elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem e não devem ser ignorados. Na educação infantil e no ensino fundamental, as relações afetivas são percebidas de maneira mais clara, já que, para as crianças e até mesmo para os adolescentes, os professores ocupam um papel que muitas vezes no inconsciente dos alunos está muito próximo à figura dos familiares. Wallon (1995) contribuiu com esse entendimento ao afirmar que com o

desenvolvimento intelectual, acontece um considerável avanço da inteligência e consolidação da função simbólica com preponderância dos aspectos cognitivos e não mais emocionais como na infância, além de um distanciamento nas manifestações emocionais. Já no ensino superior, essas relações são modificadas e pode-se observar um distanciamento maior nas relações entre docentes e discentes.

O corpo na relação professor-aluno vem sendo discutido e pesquisado, de modo que este interesse evidencia a forma como o corpo parece estar ganhando um lugar privilegiado na relação ensino-aprendizagem. Contudo, entendemos que a formação do professor privilegia de modo visível os aspectos cognitivos em detrimento dos corporais na relação ensino-aprendizagem e que, notadamente, fica na margem invisível desse processo.

Essa pesquisa possibilitou perceber que a maioria dos professores entrevistados não apenas percebem o seu corpo, como também investem corporalmente em seu trabalho para favorecer sua atividade profissional e a aprendizagem do aluno. Além disso, os professores consideram como fundamental saber observar o corpo do aluno em sala de aula e alguns utilizam o movimento corporal como uma ferramenta na atuação docente. Espera-se que esse estudo possa despertar para reflexões sobre a importância do corpo na educação, bem como alertar os docentes para os impactos de seu trabalho no corpo e para a necessidade da conscientização corporal no processo de ensino e aprendizagem, de modo que esse seja um elemento do processo de formação de professores.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2011.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Lisboa: Difel, 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Estudo sobre a histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, volume II. 2. ed. . pp. 13-377. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Três ensaios sobre a sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOPES, Dolores Ferreira de Melo. **Mulheres docentes de enfermagem em uma universidade pública: percepção a respeito de sua corporeidade em sua atuação profissional**.

São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOYZÉS, Maria, H.F.; MOTA, Maria.V.S. **Sensibilização e conscientização corporal do professor.** In: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. Foz do Iguaçu. Anais. Centro Reichiano, 2004.

NÓBREGA. Terezinha Petrucia da. Para **uma teoria da corporeidade**: um diálogo com Merleau Ponty e o pensamento complexo. Piracicaba, 1999. Tese (Doutorado) Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, São Paulo, 1999.

_____. **Qual o lugar do corpo na educação?** Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302005000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2018.

_____. **Corpo, Percepção e Conhecimento em Merleau-Ponty.** Estudos de Psicologia. Rio Grande do Norte, V.13, n.2, p. 141-148, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2008000200006&script=sci_arttext&lng=andothers>. Acesso em: 13 nov 2017.

PEDROZA, Regina. L.S. **Freud e Wallon**: contribuições da psicanálise e da psicologia para a Educação. Brasília. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

PENTEADO, Regina Z. **A Voz do Professor**: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. Revista. Brasileira de Saúde Ocupacional, Rio de Janeiro, v.25, p.109-129, 1996.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1989.

_____. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1971.

_____. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes,) – Universidade Federal Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2008.